

ESTADOS DE ARTE E TEMPORALIDADES INCOMUNS: ARTE PÚBLICA NA VIA UERJ/ MANGUEIRA

*ESTADO DEL ARTE Y POCO COMUNES TEMPORALIDADES:
ARTE PÚBLICO EN VIA UERJ / MANGUEIRA*

Isabela Frade

Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ

Jonatas Martin Puga

Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ

RESUMO

Na interação dialógica entre universidade e favela se fundamentam processos experimentais de comunalidade. A universidade, promotora de reflexões e ações, fomenta a própria comunidade acadêmica e seu entorno, como a Mangueira, na proposição de práticas estéticas efêmeras em formas presenciais. Os encontros se desdobram por multiplicidades heterotópicas. Passagens, escadas, casas, platôs e jardins emergem em deslocamentos espaço-temporais por situações de arte: tráfego de tempos variados, heterocronias em associações de sujeitos diversos por temporalidades múltiplas. Palavras chave: Arte pública; Trânsito cultural; Comunalidade; Heterotopia.

RESUMÉN

En la interacción dialógica entre la universidad y la favela se basan procesos experimentales de comunalidad. La universidad, promotora de reflexiones y acciones, fomenta la propia comunidad académica y lo que hay en su entorno, como la Mangueira, en la proposición de prácticas estéticas efímeras de formas presenciales. Los encuentros se desarrollan por las multiplicidades heterotópicas. Pasajes, escaleras, casas, jardines y mesetas emergen en desplazamientos espacio-temporales por situaciones de arte: diferentes tiempos de tráfico, heterocronias en asociaciones de sujetos diversos por múltiples temporalidades. Palabras clave: Arte público; Tránsito cultural; Comunalidad; Heterotopía.

Introdução:

cultivando formas de temporalidade na arte

Plantar flores é uma ação inocente que requer uma paciência permanente. O lento crescimento das plantas, a adaptação ao transmude, a abertura de uma pequena flor exige um tempo que é próprio. A primeira lição do jardineiro é saber esperar. A escolha dessa atividade para regular as nossas presenças na comunidade mangueirense nos obriga a compor essa atitude, em que pesem outras ideias mais encantadoras ou instigantes. Permanecer ali, em espera semanal pelas ocorrências de violência e desgaste natural são as condições mínimas nesse exercício. Mesmo que sofrendo interferências externas, um jardim tem o seu próprio tempo, um estado à parte de tudo. A crítica francesa, Anne Cauquelin, irá dedicar delicados pensamentos a essa forma de arte em seu pequeno livro *A invenção da paisagem* (2007), quando reporta à forma grega, o espaço das delícias. Referindo-se ao jardim das musas, Cauquelin segue na história e reconhece a passagem do tempo, quando o jardim se refaz em novos modos de tratar a natureza.

Das formas romanas de prazer ameno, ao canto seguro medieval e ao espaço de cientificidade, pela Botânica renascentista e os princípios místicos de encontros com a liberdade no mundo moderno, o jardim vem sendo um espaço que acompanha, como uma moldura, muitas construções na história humana tanto no ocidente quanto no oriente, seja em pequenas moradas ou em grandes palácios e igrejas. “O jardim oferece, com efeito, esse paradoxo amável de ser ‘um fora dentro’” (Op. Cit., p.63). Espaço de enlace entre natureza e cultura, gera um campo heterotrópico, uma “dobra da memória”, uma fresta no tempo e no espaço.

A agricultura cria uma segunda natureza, como defende Cícero (Apud PANZINI, 2013). Os

jardins, derivados destas, assumem a ordem do belo e do sagrado como princípio. A neutralidade do espaço em um jardim, obtida pelos cercados, pelos recortes e passagens organizados, compõem essa mistura entre formas naturais e culturais. Franco Panzini, arquiteto paisagista e historiador da arte, irá identificar nos jardins da renascença um espaço privilegiado para o encontro das nobrezas e das novas personagens políticas em ascensão, definindo-os como “máquinas de comunicação extraordinárias”.

O jardim, em outra perspectiva, através do pensamento foucaultiano, é visto como um tapete onde o mundo vem realizar a sua perfeição simbólica. Primeiro exemplo que o filósofo trabalha no desenvolvimento da noção de heterotopia, o jardim é o menor espaço que se faz como totalidade do mundo, “heterotopia feliz e universalizante” (FOUCAULT, 2013). Nesse sentido, revisitamos essas ideias de construção de espaços idílicos e prazerosos, recursos para sedução e encantamento no sentido de discurso político indireto, reconfigurando o espaço abandonado de uma viela na comunidade Mangueira e criando ali o *Jardim da Tia Neuma*.

Aprofundando em nosso próprio intuito de criar um jardim como recurso relacional, ampliando o nível de interações na frequentação da Rua Icarai, consideramos que essa forma de agir, mesmo por sua fragilidade instrínseca, serve aos nossos propósitos e cria um campo de neutralidade protetora, no próprio espaço protegido do “gênio do lugar”, como afirmavam os gregos. O papel de recolher o lixo, de cortar as partes mortas, de revirar o terreno e arriscar novas sementes é extenuante. Enquanto alguns dos pesquisadores e artistas teimam em aprender o ofício, outros se instalam em espaços contíguos, e se postam em outras formas de presença. Há uma oficina de modelagem no barro, e o grafite sendo testado nos muros e portões.

Aparecem as conversas na porta da escola ou nas soleiras das casas mais próximas. O grupo de educadores, artistas e pesquisadores em formação da UERJ, centro universitário vizinho, compõem o projeto de arte pública ARTE VIVA, tentando criar, pouco a pouco, a partir do traçado da rua, uma grande linha verde.

Do tráfego/tráfico espaço-temporalem emaranhado heterotópico

O decorrer das experiências no projeto na via UERJ/Mangueira traz a prática da arte por formas efêmeras e sempre cambiantes. Suas instabilidades e multiplicidades são decorrentes da diversidade deste convívio intercomunal. A proposição do diálogo universidade/favela arrisque-se a observar a vida cotidiana nestes dois espaços. E fica cada vez ainda mais clara, através de conversas e do simples estar presente junto aos moradores, a situação de estarmos reféns de um tráfego/tráfico. Medimos com cuidado os nossos deslocamentos espaço-temporais nessa passarela de afetos. Tendo o território favela e a nossa representação acadêmica como pontos de troca, de barganha, estamos propondo uma experimentação de práticas desterritorializantes de corpos e de lugares.

O tráfego/tráfico do espaço-tempo surge nas narrativas individuais e coletivas estabelecidas ao largo de uma escadaria disposta num estado heterotópico entremeado, condição produzida pelo próprio sobe/desce na escada, com platôs-jardins e suas entradas e saídas. Dispõem-se ali uma creche escola, um muro extenso de uma antiga fábrica, uma igreja evangélica, como as fileiras de casas de um lado e de outro, margem de um rio/rua: casa/brechó, casa/confeitaria e casa-morada. No final, no último platô/jardim, uma praça redonda.

Em todo este complexo heterotópico, que segue o pensamento foucaultiano, emerge da

perspectiva funcional destacada na junção com a esfera social, comunitária.

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias”.

(FOUCAULT, 2013, p.415).

No segundo platô-jardim, seguindo o asfalto a partir do primeiro plano, na rua, está a creche, onde mães, pais, irmãos e avós esperam a hora da saída, o sinal tocar, e as crianças (os “miúdos”, na gíria) saírem junto com as professoras (“as tias”, também na fala local) com outros responsáveis; operando assim uma rede de heterocronias pelas conversas entre gerações, no ficar da criança e do responsável partilhando da experiência da cerâmica, dos jogos de dama e xadrez, e da observação/fazer da grafiteagem; ou até mesmo na urgência da pressa de retornar a outros espaços de convívio mais restritos. Em todo caso, são manifestações e relações de troca, dos mais variados interesses e desejos – causa e efeito de corpos em mútua afetação – a fim de saciar suas próprias vontades e necessidades, em sucessivos arranjos informais na disposição pessoal frente à organização comunal. Há uma ressignificação operando nesse espaço quando atuamos em coletividade, quando brin-

camos juntos ou estamos reconhecendo nossas capacidades para um encontro na diferença.

As marcas dos grafites nas casas reclamam uma força e imediatez que o jardim não pode exibir. Instauramos, assim, dois movimentos contrários, entre sutileza e agressividade, entre espera e transformação súbita.

Nomadismo e resistência: grafite e pichação

Aqui tomamos emprestado o Tratado de Nomadologia: *A Máquina de Guerra* de Deleuze e Guattari, para refletir sobre as trilhas individuais dos moradores da Mangueira que transitam pela escadaria e a nossa intervenção naquele espaço comunal, entendendo que o complexo universitário da UERJ está contido no que se designa comunidade acadêmica e este requer também nossa intervenção. Em Mangueira, as trilhas individuais e nossa ação são instrumentos catalizadores que transpassam pelos processos de tráfego/tráfico de espaço-tempo, nos deslocamentos: do subir e descer a escada, parando para descansar no platô-jardim e conversando sobre a história e memórias da favela; ao mesmo tempo em que se escuta uma “batidão”, um funk como som ambiente, travesse uma experiência de evangelização iniciada com a pergunta: “- *Você já aceitou Jesus, meu jovem?*”. E nesta interação o indivíduo (o corpo) e o espaço são indiscerníveis.

A cada palavra dita, a entrada e saída das casas e da creche, o ir e vir da praça no alto da escadaria, o fazer parte do projeto, o brincar, o plantar - a cada movimento dado constitui ferramenta nessa máquina de afetação; são afetos que necessariamente não estão sujeitos a uma ação definida por um vetor político ou racional. Antes, estão relacionados a uma ação livre. A própria ocupação daquele espaço já é um dispositivo no sentido de estabelecer novas relações naquele lugar que, anteriormente,

era zona habitada por traficantes de drogas da maior facção do Rio de Janeiro; projetamos ir além e à distância do simulacro de proteção gerado na implementação da política de segurança através das Unidades de Polícia Pacificadora posteriormente.

O próprio devir-ocupação da UERJ/MANGUEIRA se perfaz numa divisão com equidade, num

...comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nesta partilha. (RANCIÈRE, 2009, p. 15).

produzindo a multiplicidade de tempos e de espaços atravessados pela palavra, pelo ruído, na condição visível ou invisível, na definição da política e da arte pública como forma de experiência do lugar.

A experiência político-artística transita, também, na ultrapassagem do esquema sensório-motor usual inúmeras vezes preconceituoso do ser/ver/estar favela, tendo como aporte o fazer/observar da “grafitagem” e a pichação, na produção de subjetividades. No primeiro caso, com a graduação do grafite ao status de arte pelo sistema-mercado de arte, saindo a princípio da ilegalidade e marginalidade, tem um aspecto um tanto libertário-legalista, no que diz respeito a uma liberdade assistida, institucional, promulgada pelo o aparelho do Estado e pelos sistemas de arte mas, mesmo assim, encontra respaldo na cultura de rua, urbana e popular. No segundo caso, a pichação, que é conhecida nas entranhas da cidade como “XARPI”, a operação se desenvolve com maior potência a partir da produção de subjetividade em relação ao espaço público-privado por ser

simplesmente marca identitária, revolucionária por si só, se contrapondo às obras de arte reconhecidas pelo mercado e instituições; ou simplesmente a produção de outra estética: histórica como patrimônio imaterial da cidade, popular, de resistência, marginal, caótica, sem moralismo – e até mesmo, como em algumas correntes do “XARPI” preferem que seja uma anti-arte, ou que não seja categorizada como tal. Serve ao propósito de fazer da rua um espaço outro, heterotopia que assoma as fachadas e deflagra a cor em estado pungente.



Figura 1. Grafite em platô na Rua Icarai, Mangueira, RJ, 2014. (Fonte: acervo da pesquisa).

Breves aportes conclusivos

Dito isto, a ultrapassagem enunciada e buscada neste esforço coletivo é de transpor o esquema regulatório da indiferença e todo seu conjunto moral, tratando de compor uma narrativa visual conjunta a partir das vivências na diferença, trocando lugares e experimentando outros modos de existir. Aqui fazemos um paralelo, um movimento teórico no sentido de estabelecer novas relações onde “é preciso dividir ou esvaziar para encontrar o inteiro” (DELEUZE: 2011. Pág.32). Propondo assim um conjunto de ações estético políticas ensejando uma comu-

nicação ampliada, permitindo a cada um agir como protagonista da sua própria história, a fim de encontrar desejos e algumas partes dos afetos perdidos e resgatar o sentido do que foi subtraído no silêncio e na invisibilidade. Entre o brotar lento e doloroso que rompe a casca e se faz flor e o agressivo e imediato risco do spray, desde o chão até o muro, as experimentações seguem a testar a convivência. O que de melhor a universidade leva daí é o aprendizado do estado de comunalidade. A comunidade, por sua vez, requer, timidamente, um espaço de escuta. Tratamos assim, fazendo eco das palavras de Claudia Paim (2012), da busca por um novo viver social que traga, em seu bojo, o espírito comunitário e o gênio do lugar. Esse é o centro gerador do que vem se apresentando como o sentido da arte do encontro.

Referências

- CAUQUELIN, Anne. A Invenção da Paisagem. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: Ditos e escritos III - Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 3ª Edição. 2013, p. 415.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 5. São Paulo: Ed. 34. 3ª Edição, 2008.
- DELEUZE, Gilles. A Imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2011. Pág. 32.
- PAIM, Cláudia. Táticas de artistas da América Latina. Porto Alegre: Panorama.
- PANZINI, Franco. Projetar a natureza. São Paulo, Editora SENAC, 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. A Partilha do Sensível. São Paulo: Editora 34, 2009. Pág. 15.
- <http://geografianovest.blogspot.com.br/2012/07/favela-do-esqueleto.html>, em 28 de setembro de 14.